

REFLETINDO SOBRE A LINGUAGEM ENQUANTO MISTÉRIO

José Lemos Monteiro, da UFC

Discurso de posse como sócio correspondente
da Academia Brasileira de Filologia

Desde muito tempo, a linguagem tem exercido sobre mim um enorme fascínio. Recordo-me de que, em criança, vivi numa cidadezinha de chuvas e trovões, num ambiente familiar de lendas e orações, em que as palavras pareciam revelar um certo poder mágico: algumas me causavam medo, outras me tornavam subitamente alegre ou pensativo; algumas traziam a cura das doenças, outras eram tão maléficas que nem sequer podiam ser proferidas. Sempre incitava a minha curiosidade o fato mesmo de saber que todas as coisas e pessoas se identificavam por um nome e, quando eu tentava imaginar um ser inominado, chegava à conclusão de que, sem a palavra, nada podia existir. E ficava confuso ao pensar que o nada era uma palavra, sem que existisse algo por ela nomeado.

Quando, nas aulas de catecismo, aprendi que Deus tirou o mundo do nada, raciocinei que eu próprio, sendo parte do mundo, em algum tempo fui nada e, portanto, nem mesmo um nome eu poderia ter sido. Mas, levando a força da imaginação ao extremo, eu me perguntava se o próprio Deus não seria o nada, se o nada paradoxalmente existisse. Era como se, no ato da criação, uma palavra mágica – o *fiat* – tivesse transformado o nada em tudo.

E se Deus fosse o próprio *fiat*? Diz a Bíblia que “o verbo estava em Deus e o verbo era Deus”. Eu costumava repetir essa frase inúmeras vezes, sem conseguir entendê-la. Mas um dia sobressaltou-me a idéia de que talvez Deus fosse o verbo, mais ou menos do mesmo modo como eu próprio era um nome. E nisso residiria a grande diferença entre Deus e o homem. Deus não tinha um nome, não era um nome, era uma palavra em forma de verbo. Somente quando se fez carne e habitou entre nós é que passou a ter e ser um nome, Cristo, o Filho de Deus.

A partir dessas inferências, comecei a perceber uma estranha relação entre a linguagem, o mundo e Deus. A linguagem nada mais seria do que uma representação do mundo que, por sua vez, traduziria uma simbolização da divindade. As três conceptualizações se imbricariam de tal modo, que cada uma constituiria reflexo das demais e todas se autodefiniriam.

Assim, para se vislumbrar um pouco dessa íntima correlação, podemos conceber uma homologia perfeita entre a trindade divina e as próprias categorias da linguagem. O verbo, segundo a Bíblia, precede a tudo: “no princípio era o verbo”. Ele era e é a energia pura, a ação, a palavra-ação. Mas o verbo, que é ação pura, pode nominalizar-se, transformar-se em nome. O *fiat* se concretiza,

a energia divina se materializa e surge o mundo. Em outra perspectiva, do Deus Pai deriva o nome, que é o Filho, o próprio verbo nominalizado, o ser ou essência divina, o corpo místico de Cristo. E assim, tal como existe uma necessária relação entre as categorias verbo e nome, o vocábulo que se refere à ação e o que designa o ser, no sentido de que um deriva do outro e não se pode entender um sem o outro, também o verbo de Deus se nominaliza no mundo, que é a energia materializada. O Pai se visualiza no Filho encarnado.

Contudo, essa separação é apenas aparente: na essência Deus é o mundo, o Pai é o Filho, o verbo é o nome. E como toda separação ou análise, mesmo que seja aparente, se completa pela síntese das partes, mesmo que não sejam partes, da relação verbo-nome se depreende o pronome, o substituto do nome. O nome é um símbolo: representa o ser. O pronome é um sinal: indica, revela o ser ou o substitui, tornando-se pois também símbolo, equivalendo ao próprio nome e guardando uma relação de imanência com o verbo. A enunciação do verbo, a palavra-ação, se perfaz com o pronome, a palavra dêitica que sinaliza o agente ou sujeito da ação. Numa visão mística, se o verbo é o princípio, o eu (pronome) é o princípio e o fim: *ego sum alpha et omega*.

Assim sendo, as categorias e definições tradicionais parecem adquirir alguma sustentação. E, se formos atentar para outras características dos pronomes, aí é que nos damos conta de que o círculo ou triângulo se torna perfeito.

De fato, o traço que distingue *eu* e *tu* é só uma questão de referencialidade. Se *eu* é a pessoa que diz *eu*, *tu* se transforma em *eu* sempre que enunciar o pronome *eu*. Na realidade, *eu* e *tu* nem poderiam ser tidos como pronomes, já que não têm caráter substitutivo. O verdadeiro pronome é *ele*, o que realmente substitui o nome. Mas aí também a distinção se resume em última instância a uma questão de referencialidade.

Tais correlações constituem a base de uma interpretação que corre o risco de obter uma certa lógica, o que acarretaria afinal a perda de sua validade. Com efeito, quando eu me esforço por compreendê-la no estágio normal de minha consciência ou principalmente quando tento formalizá-la em palavras, constato que a razão é a grande barreira para a penetração nesse grande mistério. E o que parece tão simples e uno se confunde e se diversifica. É que, diante do mistério, nossa atitude terá que ser sempre a de aceitá-lo como algo que transcende a razão e nunca a de tentar enquadrá-lo num esquema lógico que nem sempre está com a razão.

Se quisermos penetrar no mistério da linguagem, talvez devamos buscar o silêncio total ou o absoluto vazio mental. Ou seja, será necessário transcender a própria linguagem, estar ausente das palavras e de tudo o que elas simbolizam. Garantem os místicos que, nesse estado de consciência, o ego se dissolve e, por conseguinte, deixamos de ser um nome. No vazio do ser, no princípio de tudo, há o verbo: somos a imagem e semelhança de Deus.